



O artista na cadeira de rodas (esq.) e na obra de Valderílio Feijó Azevedo, que ilustra capítulo do seu livro "A Beleza e a Dor", de 2007 (dir.).

"Por que a arte não deveria ser bela? Já existe desgraça demais no mundo."

A dor passa, mas a beleza permanece

DR. VALDERÍLIO FEIJÓ AZEVEDO

O movimento impressionista não teria sido tão glorificado, e até talvez não pudesse ter atingido sua grande influência sobre outros artistas e movimentos, sem a existência das obras de Pierre-Auguste Renoir. Sua importância para as artes e também para o conhecimento das ciências médicas, em particular da reumatologia, é imensa.

Renoir, Jawlensky e Raoul Dufy são três dos principais artistas visuais que sofreram de artrite reumatoide e que tiveram parte de suas vidas com essa doença amplamente documentadas. Renoir retratou a beleza da figura humana, a natureza e as paisagens, traduzindo-as em um espetáculo de cores, de alegria e júbilo com a vida. Mesmo sofrendo muito intensamente as complicações dessa doença autoimune ao final de sua vida, não parou de pintar e de produzir arte.

A atitude demonstrada por este artista no enfrentamento de seus problemas de saúde por meio das técnicas que utilizou para superar a dor e continuar sua produção pictórica – mesmo com as restrições impostas pela atividade inflamatória da artrite reumatoide e por suas sequelas articulares –, numa época em que as opções terapêuticas eficazes eram limitadas, faz dele um objeto de grande admiração.

A natureza agressiva de sua artrite resultou em grave destruição e anquilose do ombro direito e em rupturas de vários tendões extensores dos dedos e dos punhos. Ainda assim, continuou enrolando seus cigarros e pintou mais de quatrocentos quadros.

Nos anos iniciais de sua artrite, Renoir foi tratado por dois médicos de família: os doutores Baudot e Journeac. Mais tarde, Renoir teve acesso ao famoso médico Dr. Paul Gachet, que também foi médico de Vicent Van Gogh.

Renoir fez dos exercícios físicos regulares parte de sua difícil jornada de combate à doença. Sua demonstração de amor à natureza, ao comprar uma propriedade em Cagnes-sur-Mer, perto de Nice, na Riviera francesa, poupando várias oliveiras milenares ameaçadas de corte pelos proprietários, e construindo sua casa ali (essa propriedade ficou conhecida como *Les Colettes*). Renoir mudou-se em 1908 para este local e ali viveu seus últimos dias. Um dos fatos pitorescos revelados pela pintura de Renoir é o fato de que sempre esteve rodeado por gatos, como revelado pelo Instituto Pasteur, que detectou a presença de pelos de gatos nas pinturas desse período.

Aos 60 anos, Renoir passou a utilizar uma bengala para caminhar. Foi exatamente a época em que nasceu seu filho mais novo, conhecido carinhosamente por Coco. Aos 71 anos, teve um Acidente Vascular Encefálico e ficou confinado a uma cadeira de rodas.

Renoir parou de viajar para outros países depois desse acidente, mas em território francês fez ainda vários deslocamentos, sempre conduzido por Batistan, seu chofer. É fato notório que somente alguns meses antes de sua morte visitou o Museu do Louvre. Nessa ocasião, seus joelhos já se encontravam anquilosados em incômoda flexão. Com a evolução das deformidades dos pés,

o artista nem mesmo conseguia usar sapatos, substituindo-os por chinelos de lã.

“Não posso permanecer sentado porque estou muito magro. Quarenta e seis quilos não podem ser chamados de gordura. Meus ossos estão à flor da pele, embora eu tenha bom apetite”, relatou Renoir ironicamente em uma de suas cartas.

Mas, e o estilo de pintura de Renoir, modificou-se com a doença? Nos temas escolhidos parece não ter havido mudanças, mas, considerando as limitações físicas dele, o estilo pode realmente ter sido comprometido. O fato de que transformou suas cores em cores mais vivas e seu estilo em mais austero não parece relacionado à artrite reumatoide, pois começou antes do aparecimento dela. Sabe-se que, na medida em que progrediam as limitações das mãos, punhos, ombros e da coluna cervical, ele foi adaptando suas técnicas.

Quando se tornou difícil segurar a paleta de cores nas mãos, ele inicialmente as equilibrava entre os joelhos e a borda do cavalete. Mais tarde, desenvolveu uma mesa rotatória para fixar a paleta. Porém, os pincéis tinham que ser fixados nas mãos do pintor por terceiros. Os que usualmente o ajudavam eram Coco, sua esposa Aline ou a modelo Dédé (Catherine Hessling), que acabou se tornando sua nora.

A destreza de Renoir com os pincéis permaneceu enorme. Alguns especialistas em arte não conseguem de forma conclusiva identificar quando ele usava uma ou outra mão. Para substituir o cavalete, Renoir lançou mão de um aparato desenvolvido por ele mesmo, cuja documentação fotográfica não mais existe. Era mais ou menos assim: o linho da tela era fixo em pedaços de madeira. Eles poderiam girar em volta de dois carretéis ligados a uma correia de bicicleta antiga e eram guiados por uma manivela que elevava ou abaixava a tela. Foi dessa forma que ele conseguiu pintar o quadro *Les grandes baigneuses*, entre 1918 e 1919, ano de sua morte.

Renoir faleceu como um dos mais amados de todos os impressionistas. Seus quadros retratavam lindas flores (vários pequenos quadros de madeira que expunham anêmonas foram pintados à noite, pois Renoir sofria intensas dores noturnas e usava a pintura para distração), belas paisagens, cenas e mulheres adoráveis. No dia de sua morte, à tarde de 3 de dezembro de 1919, Renoir iniciou a pintura de uma natureza morta, quadro que ficou inacabado, mas suas obras e sua incrível existência passaram a compor a História dos grandes artistas da humanidade. **❶**

*Na parte superior, as obras *Jeunes filles au piano* (1892) e *Le bal du moulin de la Galette* (1876). Ao lado, *Les grandes baigneuses*, das obras derradeiras de Renoir e que é mantida no Musée D'Orsay, em Paris.*

